

Antropismo no processo histórico de ocupação da Floresta Atlântica na região e entorno do Parque das Nascentes em Blumenau-SC.

Martin Stabel Garrote*

RESUMO: A Floresta Atlântica foi extremamente explorada no século XX. Através da História Ambiental torna-se possível compreender as conseqüências da ação humana sobre o meio ambiente e suas relações sociais com as diversas formas de utilização dos recursos naturais, tornando clara a percepção das conseqüências das influências antrópicas no Vale do Itajaí. O objetivo deste trabalho foi determinar as influências antrópicas ocorridas no Parque das Nascentes e seu entorno pela comunidade da Nova Rússia, e suas conseqüências para a Floresta Atlântica e para as populações humanas da região durante o século XX.

Palavras-chaves: Floresta Atlântica; Parque das Nascentes; Ocupação Humana; Uso do solo.

ABSTRACT: The Atlantic forest was extremely exploited in the 20th century. By means of environmental history it was possible to understand the consequences of human actions and their relationship with the diverse forms of the use of natural resources, making clearer perceptions of the consequences of human influences in the *Itajaí* hydrographic basin. The objective of this work is to determine the occurrence of human influences in the *Parque das Nascentes* and its surrounding community known as Nova Rússia, as well as its consequences on the Atlantic Forest and the human population of the region during the 20th century.

Key words: Atlantic forest; Parque das Nascentes; Human Occupation; Soil use.

Introdução

A Floresta Atlântica do município de Blumenau – SC, foi colonizada a partir de 1830 por imigrantes alemães, prussianos, poloneses e italianos. No sul de Blumenau, instalou-se um pequeno núcleo de prussianos e alemães e formaram a comunidade da Nova Rússia, impondo uma modificação no ambiente através da exploração do solo, água, mineração e fauna e flora. A presença dessa comunidade e sua história de ocupação na região promoveram uma superexploração de algumas espécies passando a modificar as relações ecológicas da floresta. Isso alertou as autoridades e comunidade local, e desde 1998 a biodiversidade vem sendo conservada pelo Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia - PNMNG. A pesquisa consistiu em determinar as influências antrópicas ocorridas pela presença da comunidade da Nova Rússia antes da criação do PNMNG (1890-1998), e suas conseqüências para a Floresta

* Mestrando em Desenvolvimento Regional e pesquisador do GPHAVI - Universidade Regional de Blumenau. Financiada pela Fundação de Apoio a Pesquisa Científica e Tecnológica de Santa Catarina – FAPESC-Chamada Pública 07/2006 - Apoio à Pesquisa Científica Básica Linha II.

Atlântica e para a própria comunidade. Os dados foram obtidos através de uma busca de informações primárias através da História Oral, e em fontes secundárias através de bibliografias, periódicos e demais produções científicas.

A floresta do PNMNG e sua ocupação

O PNMNG possui uma área total de 5.326,16 hectares, sendo o maior Parque Natural Municipal do Brasil é a maior área conservada de floresta do Vale do Itajaí e uma das maiores áreas conservadas do Estado de Santa Catarina, tendo 76% dos 47 afluentes da Bacia do Ribeirão Garcia, importante recurso hídrico, que abastece Blumenau e região (DREHER, 2002).

A Floresta Atlântica da região é composta por mais de 350 espécies de árvores, arbustos entre outros vegetais de pequeno porte. Essa mata chegou a abrigar mais de 240 espécies de aves, 65 de mamíferos, 39 anfíbios, 10 répteis e 10 espécies de peixes. Sua vegetação característica é formada por faixas fisionômicas denominadas por Vegetação Sub-Montana, Montana e Alto-Montana, Mata Ciliar e Mata Secundária (Guia Ecológico Parque das Nascentes, 2002). Zimmermann (1992), afirma que em um único hectare de floresta da região do parque, podem ser encontrado entre 100 a 200 espécies de vegetais e milhares de indivíduos dando ao conjunto uma heterogeneidade que estabelece e garante o equilíbrio ecológico.

Antes da colonização européia a floresta foi influenciada pelos indígenas. Sabe-se, através dos relatórios de Dr. Blumenau e bibliografias que a região de Blumenau era antes dos europeus, ocupada pelos Xokleng. Estes viviam da coleta e da caça aproveitando-se dos recursos da floresta. Seu território não possuía demarcações definidas, mas supõe-se que sua área de abrangência estava na floresta localizada entre o planalto e o litoral. Os Xokleng eram um povo nômade, que vivia em grupos de 50 a 300 indivíduos, e possuíam interações religiosas com o uso da floresta (MATTEDI, 2001).

A região passou ser colonizada por europeus no início do século XIX, quando batedores ingleses em busca de ouro interferiram na região. Segundo Day (2006), “um grupo de ingleses esteve com um escravo em 1830, onde é hoje a atual região da Nova Rússia, na busca de ouro, mas logo desistiram pelas dificuldades encontradas”. Em 1840 esse escravo retornou com familiares, estabeleceram moradas construídas com palmitos e xaxins, troncos de imbaúbas e folhas de caeté, plantaram espécies exóticas como bananeiras e cana-de-açúcar, cortavam árvores para produzir carvão e comercializar lenha, assim como algumas pepitas de

ouro de aluvião encontradas nos ribeirões (SCHIMDT, 2006; SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 2007)

A partir da década de 1870, a região passou a receber trabalhadores que tinham como objetivo encontrar minérios. Esses trabalhadores estavam protegidos pelo capitão Frederico Deeke, encarregado da proteção do grupo contra os assaltos dos indígenas, e demarcação de lotes na região. Nas investidas pela floresta, próximo a nascente do ribeirão Garcia descobriu vestígios de minérios de prata e ouro. A descoberta despertou interesse, mas não por muito tempo, devido à área ser muito acidentada e por ser ainda uma terra habitada por indígenas. A partir de 1890 as terras foram obtidas por uma empresa mineradora russa que iniciou a exploração na região do ribeirão da Prata (SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO, 2007; DAY, 2006; SCHIMDT, 2006).

Um dos locais colonizados a partir de 1860 no sul de Blumenau foi a localidade do Jordão. A colonização subiu o curso do ribeirão Garcia, depois subindo pelo curso do ribeirão Jordão, e ribeirão Caeté, na localidade do Spitzkopf (AHIMED, 2007). Pelo Jordão havia uma trilha usada por caçadores, sinuosa como um caminho de tatu chamado de Estrada das Sete Voltas, que ligava o Jordão até a primeira vargem do Garcia. Foi por esse acesso que se instalou a mineração na região da primeira vargem, iniciando a colonização do que já em 1920, passou a se chamar Russoland, ou Nova Rússia. Nesta região a exploração mineral e as serrarias, associado ao valor baixo das terras, com a adição da exuberância e riqueza de recursos da floresta, incentivavam a chegada desses primeiros colonizadores (GARROTE, 2007). A partir de 1909 já haviam na região um cemitério, uma comunidade luterana, e escola. Os lotes foram sendo colonizados conforme se subia curso do ribeirão Garcia, e a partir do ribeirão da Prata (SCHIMDT, 2006).

A partir de 1920, na localidade da segunda vargem, existiam duas serrarias funcionando a vapor, e em 1940, outra na região da terceira vargem, explorando a floresta, aumentando a abertura de clareiras (BACCA, 2006). Segundo Schimdt (2006), existiam em torno de oito serrarias, quatro só na 2ª vargem, hoje sede do PNMNG, duas na 3ª vargem, hoje localidade do Encano Alto, onde havia um locomóvel. Essa serraria sofreu um incêndio no final da década de 40. Além destas, havia também uma serraria na rua das minas da prata.

Entre 1920 a 1950, os moradores da comunidade abriram espaço na mata, reutilizavam as melhores árvores para a construção das casas e das benfeitorias, realizavam a coivara e preparavam a terra para o plantio. Instalavam-se perto do ribeirão, aproveitando a força da água para mover moinhos para moer milho, mandioca, taiá entre outros, serrarias e os engenhos que produziam cachaça e açúcar mascavo. Viviam da lavoura e da exploração de

subsistência dos recursos naturais, colhendo alguns frutos e caça de aves, bichos de pêlo e peixes, e criando os bichos domésticos em áreas de mata ciliar.

A partir de 1950, a exploração madeireira passou a predominar na região como atividade, com o aumento pelo interesse da madeira local, passaram a haver mais pessoas trabalhando na exploração dos recursos naturais. Com isso um novo acesso ao local foi criado. A exploração madeireira abriu uma estrada que inicia na junção do ribeirão Jordão com o Garcia subindo a serra até onde hoje é a sede do parque, e posteriormente passando pela região da terceira vargem do Garcia, já no município de Indaial e prolongando-se até o Encano Alto. Mais tarde essa estrada foi aberta até a fazenda Faxinal, em Indaial e desta outros acessos ligavam a região à Apiuna, Warnow, Botuverá e Brusque. Do fim da rua progresso até a região da segunda vargem no alto do ribeirão Garcia, a estrada passou a se chamar de Rua Santa Maria ou Rua da Nova Rússia.

A partir de 1960, com a mecanização das práticas exploratórias da madeira, houve necessidade de mão de obra qualificada além da presente na comunidade, fazendo a região crescer demograficamente. A partir de 1970 os descendentes dos antigos moradores passaram a ter interesses fora do local, vivendo na cidade, ou conciliando o rural com o urbano. Os filhos dos primeiros colonizadores mantinham a exploração dos recursos da Floresta Atlântica, como trabalho remunerado e meio de subsistência. Já os netos dos primeiros colonizadores da região começaram a se interessar em ir buscar trabalho próximo ou nas indústrias têxteis, como foi o caso da Artex, instalada no sul de Blumenau, responsável em consumir milhares de árvores para a queima nos fornos. Mas o trabalho na lavoura e a exploração de recursos naturais sempre foram mantidos pelos moradores antigos e novos da comunidade.

Os colonos criavam animais e plantavam gêneros suficientes para não precisarem ir para a cidade, mas conforme os relatos, a modernidade trouxe a necessidade de um novo modelo de vida e do dinheiro, rompendo a vida tradicional do mundo rural. Muitos dos descendentes dos primeiros colonos deixaram a região, e os que não abandonaram a região faziam longas viagens até o bairro Garcia para trabalharem registrados pelas indústrias e comércios da região, sendo mantida essa situação até final da década de 1980, quando é instalada a linha de transporte coletivo. Atividades como a caça e a extração de palmitos e a agricultura itinerante com a prática da coivara sempre foram mantidas e cresciam conforme o desenvolvimento da região.

Com o aumento demográfico dos novos moradores, cresce a exploração e a degradação da região, no que despertaram inúmeros questionamentos dos ambientalistas,

sendo o ecólogo e ambientalista Lauro Eduardo Bacca, responsável por iniciar a conscientização sobre a conservação da região. Por estar atuando na empresa Artex, Lauro Eduardo Bacca passou a incentivar a empresa Artex, que utilizou muita madeira da região para a queima, a criar uma reserva de conservação da região, protegendo a floresta e principalmente os mananciais que abasteciam Blumenau e região. A compra de terras na região pela empresa Artex ocorreram entre 1980 e 1988, totalizando 5.296,16 hectares. Em janeiro de 1988 a empresa Artex com incentivo de Lauro Eduardo Bacca, cria o Parque Ecológico Artex, depois sendo reconhecido com RPPN pelo IBAMA pela portaria 143N/92. Após a criação do parque diversas atividades passaram a preservar a região, principalmente com incentivos para a diminuição da caça e do corte do palmito (BACCA, 2006).

Com as proibições e campanhas contra a exploração da madeira na região da Nova Rússia, ocorre uma estabilização demográfica, passando a ser caracterizada a partir dos anos 1990 por dois grupos: moradores que possuem raiz com a terra e que ali vivem há muito tempo, descendentes dos primeiros colonos, tendo o local como residência, e os que têm a região como lazer, possuindo residências para veraneio ou temporadas (IMROTH, 2003).

Com a recessão econômica no setor têxtil na década de 1990, a empresa Artex, com a falta de recursos para manter o Parque e prezando pela conservação da área doou as terras em abril de 1998, deixando a responsabilidade da conservação do parque à Fundação Municipal do Meio Ambiente - FAEMA e a Universidade Regional de Blumenau - FURB. E a partir dessa doação, em 5 de junho de 1998 é criado pela Lei Municipal 4.990 o PNMNG, passando a guardar a Floresta Atlântica e sua biodiversidade (BACCA, 2006).

As influências antrópicas e suas conseqüências à floresta e comunidade

O primeiro interesse do natural da região como recurso econômico foi à possibilidade do ouro. A partir de 1890, as minas iniciaram a ser abertas com o uso de dinamite explodindo as rochas, moendo a rocha, gerando poeira e detritos no ribeirão. Nas minas foram explorados poucos minérios: prata, chumbo, cobre, zinco combinados com enxofre e em alguns pontos com alto teor metálico. As minas foram exploradas por empresas russas, argentinas, alemãs e brasileiras, e possibilitaram durante o seu período de atuação efetiva, emprego para boa parte dos membros da comunidade da Nova Rússia até fins de 1940.

A principal influência antrópica na região, e que se iniciou paralelamente a exploração de minérios, mas atingiu proporção de conseqüências muito maior, foi a exploração da madeira. A exploração da madeira procedeu com finalidades de subsistência do colono, e com interesses comerciais pelos colonos e pelas serrarias. Desde o início da exploração da madeira

com finalidade comercial, houveram duas fases bem caracterizadas na forma de exploração, a artesanal (1920-1960), com o uso de machados e serras de mão, e força de animais, como burros e bois; e a maquinaria (1960-2000), com o uso de moto-serra, cabo-de-aço, tratores diversos e caminhões truncados. Eram cortadas diversas canelas pretas, sassafrás, perobas, cedros, imbuías, guamirins, araçás, bicuíbas, pindabunas, gaguaçus, sendo que algumas chegavam a ter mais de um metro de diâmetro. Estima-se que após 1970, saíam por dia cerca de 20 caminhões carregando madeira de cada serraria. Entre 1980 a 1990, reduziu-se a encerrar a exploração de mata nativa, sendo que a partir de 2000, apenas algumas regiões do entorno do PNMNG passaram a ser utilizadas para o plantio de pinos e eucaliptos, atividade que perdura até hoje.

Durante todo o período de exploração economicista da Floresta Atlântica por serrarias na região e entorno do parque (1920-2000), os colonos da Nova Rússia e os novos moradores da região, além de sua contribuição nas serrarias, retiravam alguns troncos da floresta para sua subsistência. Essa exploração não buscava um tipo de madeira específica, servindo qualquer uma, desde que desse a utilidade de construção das moradas, ranchos, cercas, caixarias, ferramentas, utensílios diversos e do carvão, assim como criavam animais e agricultura itinerante. O palmito sempre foi extraído da mata por motivos de subsistência até pelo menos na década de 1940, quando passa a ser muito procurado nos restaurantes e hotéis, fazendo com que muitas famílias da comunidade o explorassem comercialmente como um acréscimo da renda. O palmito nativo era comercializavam principalmente para indústria de conservas Hemmer, restaurantes ou cozinhas que o utilizavam, sendo vendido muitas vezes in natura. Assim como a caça, sempre presente na vida do colono, que buscava principalmente a anta, o veado, o porco do mato cateto e queixada, pacas, a jacutinga, o macuco, o uru, tucanos, entre muitos outros que habitavam em grande número a floresta, e serviram de alimento e de presa de abate para diversão. Depois da proteção da área no ano de 1988, a caça reduziu. Mesmo depois da proteção por uma Unidade de Conservação, alguns indivíduos da comunidade da Nova Rússia seguem a caçar, mas em menor escala de tempo e quantidade.

As influências antrópicas ocorridas na Floresta Atlântica do parque ocasionaram reflexos negativos para a floresta e à própria comunidade. A mineração foi responsável pela desestruturação física das rochas das montanhas que tiveram túneis abertos. A vida na floresta foi prejudicada com o ruído das explosões, escavações, e novos moradores, a abertura de clareiras na mata, derrubada das árvores, retirada de palmitos, assim como o desvio da água do ribeirão e despejo de detritos de rocha e terra assoreando o ribeirão, impactando localmente com enxurrada e poluição de água potável para a comunidade. Com o aumento da

exploração madeireira e principalmente com sua mecanização, a partir de 1960, na região da primeira, segunda e terceira vargem, a paisagem era basicamente de pastos cobrindo os morros do entorno e de áreas devastadas, apresentando galhadas, e erosão. A exploração seguiu mata adentro, em todos os sentidos, e a abertura das estradas e os métodos de exploração da madeira ocasionaram **perda** do habitat de inúmeras espécies, iniciando um processo de rompimento das relações ecológicas da Floresta Atlântica do PNMNG. A exploração madeireira, a caça e a coleta do palmito foram os três principais vilões que afetaram os ciclos de vida da Floresta Atlântica do parque.

Na comunidade as principais conseqüências da exploração da vida da floresta do PNMNG vieram através das mudanças que a exploração influenciou na vida cotidiana do colono. Houve uma diminuição do alimento, faltando animais para serem caçados, diminuição dos peixes no ribeirão, e falta do palmito na proximidade da comunidade, e com isso o colono teve que ir cada vez mais distante buscar o alimento. Com o acréscimo da exploração da madeira, os morros ficaram sem a proteção florestal, ocorrendo nos períodos de chuvas torrenciais diversas enxurradas que destruíam as construções, plantações e matavam animais domésticos das áreas próximas do ribeirão. A partir de 1970, eram constantes as enxurradas, e estas destruíram e perturbaram a vida do colono até início de 2000, quando a vegetação passa a cobrir os morros diminuindo o volume e velocidade da água do ribeirão quando há enxurrada.

Com a proteção da área, o colono teve que adaptar-se a uma nova forma de lidar com a natureza, passando a se conscientizar sobre a importância da conservação da biodiversidade da Floresta Atlântica. A criação do parque foi no início um tormento para o colono e morador da Nova Rússia, mas hoje é fundamental para o bem-estar e desenvolvimento da região.

Considerações finais

A pesquisa possibilitou determinar as principais influências antrópicas na região do PNMNG e suas conseqüências à floresta e comunidade da Nova Rússia entre 1890 até 1998, quando a biodiversidade da Floresta Atlântica passa a estar protegida com o parque.

Constatou-se que o início da colonização da região ocorre entre 1890 a 1920, devido à exploração mineral e exploração florestal. De 1920 a 1960 a vida dos colonos da Nova Rússia baseou-se na subsistência através dos elementos da biodiversidade da Floresta Atlântica, e foi através da mineração e da exploração florestal que a região desenvolveu, prosperando, possibilitando o bem-estar aos moradores, iniciando a prejudicar as relações ecológicas da floresta, conforme se acelerava a exploração. Entre 1960 a 2000, ocorre a pior fase de

exploração da biodiversidade da floresta. A exploração deixa de ser artesanal passando a ser mecanizada, tornando-se mais rápida e destruidora, até o momento da proteção da área através de uma Unidade de Conservação.

O modelo de desenvolvimento da região que passou a ser conhecida como Nova Rússia, gerou conseqüências a ecologia da floresta e prejudicou o bem-estar da própria comunidade. Segundo os entrevistados a exploração da madeira, retirada do palmito, e a caça foram às ações que proporcionaram o sustento da comunidade durante toda sua história, e a sua intensa exploração, foram a principal causadora dos males que assolaram a floresta e a comunidade.

Referências

AHIMED, S. K. M. **Ações antrópicas e os problemas socioambientais no Parque Ecológico do Spitzkopf e seu entorno nos séculos XX e XXI**. Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2007 (Trabalho de Conclusão de Curso).

BACCA, L. E. **Histórico do Parque das Nascentes**. Disponível em: www.parquedasnascetes.org.br/site/historico.asp Acesso em: 27 de dezembro de 2006.

BACCA, L. E. O Parque das Nascentes. **Jornal da Universidade**, Blumenau, abril de 2004.

DAY, A. **O Vale do Garcia**. Blumenau, 2006 (mimeo).

DREHER, M. T. **Subsídios para o levantamento do potencial ecoturístico do Parque Natural Municipal das Nascentes em Blumenau – SC**. Itajaí: UNIVALI, 2002, (Dissertação de Mestrado).

GARROTE, M; SANTOS, G. F.; DAMBROWSKI, V. A relação entre a comunidade da Nova Rússia e a Floresta Atlântica durante o século XX em Blumenau – SC. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v.9, n.2, p.39-50, 2007.

GUIA ECOLÓGICO DO PARQUE DAS NASCENTES. Blumenau: Instituto Parque das Nascentes, 2002. (Folder)

IMROTH, M. Percepção ambiental das comunidades situadas no entorno do Parque Natural Municipal Nascentes do Garcia (Vale do Itajaí/SC). **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v. 5, n 2-3, p.43-59, 2003.

MATTEDI, M. A. Notas sobre as visões de natureza em Blumenau: mais um capítulo da trágica história do sucesso humano. **Revista de Estudos Ambientais**, Blumenau, v. 3, n1, p.29-39, 2001.

SCHMITD, C. M. **Cultura empreendedora**: contribuição para o arranjo produtivo local de turismo sustentável na Nova Rússia, Blumenau. Blumenau: Universidade Regional de Blumenau, 2006. (Dissertação de mestrado)

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DE BLUMENAU. Disponível em:
<http://www.blumenau.sc.gov.br>. Acesso em: 12 de novembro de 2007.

ZIMMERMAN, C. E. Uma contribuição a ornitologia catarinense: levantamento preliminar da ornitofauna do Parque Ecológico Artex. **Dynamis**: Blumenau, v. 1, n1, p.69-75, 1992.